



A SÉ DE LISBOA.

PORTUGAL.

XII.

A SÉ DE LISBOA.

A CATHEDRAL metropolitana lisbonense é templo tão vasto e grandioso quanto venerando, por antiguidade e historicas recordações. — Não pôde ser assumpto de um artigo de Jornal o tratar miudamente das encontradas opiniões sobre a primitiva funda-

JULHO 30 — 1842.

ção desta igreja: em uma larga memoria, composta pelo Sr. conego Villela, e que a Sociedade, que publica o presente semanario, brevemente dará á luz, se acharão expostos os fundamentos de cada uma dessas opiniões, bem como as rasões que persuadem ser a edificação da sé devida ao nosso primeiro rei, logo depois da conquista da cidade. Esta adoptaremos, seguindo igualmente em tudo o mais aquelle importante e bem averiguado escripto. — Se antes de cahir em poder de sarracenos, Lisboa

2.^a SERIE — VOL. I.

teve bispos, dominando os godos christãos, como de algumas provas historicas se conhece, é incerto e duvidoso o seu catalogo. O primeiro, porem, da nossa cathedral foi D. Gilberto, inglez de nação, que entre os estrangeiros auxiliares concorrera para a recuperação de Lisboa, e que pelo victorioso D. Affonso Henriques foi investido dessa auctoridade prelaticia. Estabeleceu-se o cabido em 1150, e D. Gilberto ordenou se resasse pelo breviario de Salisbury. Na mesma sé se abriram, para o diante, estudos, donde sahiu com grande aproveitamento nas lettras humanas o thaumaturgo portuguez, St.^o Antonio; pelo que se vê não estar Portugal sepultado no 13.^o seculo em tanta rudeza e ignorancia, como muitos suppozera. Foi a igreja lisbonense suffraganea da sé de Braga até ao reinado de D. João 1.^o que a elevou á jerarchia de metropolitana, obtendo do papa Bonifacio 9.^o a bulla passada a 10 de novembro de 1393, assignando-lhes por suffraganeos os bispados de Lamego, Guarda, Evora e Silves.—D. João 5.^o determinou a divisão de Lisboa em oriental e occidental, tambem o arcebispado se dividiu em duas dioceses, ficando a sé com o titulo de arcebispado de Lisboa oriental: poucos annos depois pela bulla de Bento 14.^o, de 13 de novembro de 1740 se aboliu o titulo de cathedral e se lhe deu o nome de basilica de St.^a Maria Maior e em virtude da supressão reuniram-se as dioceses sob uma só jurisdicção patriarchal, até que ha poucos annos, couservando-se o titulo de patriarcha ao arcebispo lisbonense, foi restituida ao antigo estado a igreja metropolitana, extincta a dispendiosa patriarchal.

O terremoto de 1755 e o incendio que o acompanhou fizeram na sé grandissimas assolações: desabou a cupula sobre a nave principal, por forma que se aluiram todas as mais partes do edificio; a violencia do fogo estalou o tecto do parte do Tejo, nem pôde resistir-lhe o elevado campanario; as ricas alfaias, e outras preciosidades, o importante cartorio, ficou tudo reduzido a cinzas.—Era o templo primitivo muito mais espaçoso que o segunda vez reconstruido e que o actual, tão largo que constava de cinco naves, descobrindo-se ainda pedaços de columnas, que lhes pertenciam, na casa onde os conegos se revestem; da extensão podemos ajuizar se observarmos na parte detraz da existente capella-mór as bases onde se estribavam os arcos da abobada, sendo de presumir que mais para alem continuava, porque permanecem rasgadas frestas ou janellas.—Já em 1344, a impulsos de outro temeroso terremoto, padecêra ruina o edificio, notavelmente na capella-mór, devendo-se a reedificação a elrei D. Affonso 4.^o, assim como a obra do claustro e capellas. A mesma capella-mór e a cupula foram destruidas por um raio, em tempo de D. João 1.^o; este monarcha as mandou reparar, collocando n'aquella os tumulos de D. Affonso 4.^o e sua mulher, D. Brites, nos quaes se viam esculpidos os martyrios do padroeiro S. Vicente, e na parte superior a figura da fama com uma tuba ou bosina na mão, unico despojo da batalha do Salado que D. Affonso para si reservára: ser a bozina a propria assevera uma inscripção em dois distichos latinos. Os mausoleus estalaram pela actividade do incendio de 1755, ficando todavia perservados os ataúdes ou caixões que continham os esqueletos dos sobreditos rei e rainha: depois da moderna reedificação da igreja a Senhora D. Maria 1.^a os mandou trasladar novamente para a capella-mór, tendo sido previa-

mente depositados por aviso mandado expedir pela mesma Sr.^a em 13 de janeiro de 1779, no claustro, na capella de N.^a Sr.^a da Tocha, a exemplo do que se praticára no convento do Carmo com os ossos do condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, que hoje repousam em S. Vicente de Fóra.

Os monumentos são magnificos, o de elrei está do lado do Evangelho, e no do lado opposto descansam as cinzas de sua mulher: os correspondentes epitaphios latinos dizem assim em vulgar.

Affonso em nome quarto em ordem setimo rei de Portugal falleceu a 29 de Maio de 1357 destruido pelo terremoto o primeiro tumulo foi para aqui trasladado em 1781.

Beatriz (Brites) rainha de Portugal mulher de Affonso 4.^o faleceu a 25 de outubro de 1359. Transferido para aqui em 1781.

As capellas instituidas por este monarcha pertencem as 24 mercearias da sé.

Quanto á frontaria principal do antigo templo, via-se por um desenho que nos conservou J. B. Lavanha que as torres eram compostas de corpos que terminavam em altas grimpas: as que actualmente adornam a fachada é provavel que fossem erguidas em tempo d'elrei D. Fernando; a do relógio, ao sul, foi reedificada depois do estrago que lhe causou o terremoto de 1755, bem como ao tecto daquelle lado, como acima referimos. Pelo que respeita á reparação nesta ultima epocha, não podemos deixar de fielmente transcrever a seguinte passagem da Memoria, que promettemos imprimir:—... devia [o architecto] conservar quanto lhe fosse possivel o resto do antigo edificio, na conformidade do regio aviso, que lhe foi expedido: porem não se occupou senão em o enfeitar para ser agradável á vista, e decora-lo com apparatusos estuques: erro gravissimo em meu entender, porquanto estes estuques em uma localidade visinha ao mar [entende-se o Tejo], passados alguns annos havia de esbroar-se, e abrir-se em fendas, como já se conhece em algumas partes, e em 1834 estando nós no côro ficamos estremecidos com o estrondo que fez parte do estuque do côro alto, como se divisa ainda. Muitas pinturas estão já sem brilho e sem lustre, e as dos quatro evangelistas, que estavam nos angulos do mesquinho zimbório estão inteiramente apagadas.—Na cupula deveria dar maior elevação, e rasgar-lhe algumas frestas.—Para dar maior claridade ao corpo da igreja esboçou [permitta-se-me assim dizê-lo] o tecto em clara-boias, que tiram toda a gala e formosura da mais consideravel parte do edificio, quando podia recorrer a outros arbitrios.—Antes de emprender-se qualquer obra deve-se escolher bons architectos e precederem apurados desenhos. Este o primeiro passo que deve dar quem emprehende levantar grandes edificios; de sua omissão provem haver tantas obras sem arte e formosura, que com pouca reputação do seu seculo manifestam á posteridade não só o mau gosto, mas o desperdicio de custosas quantias. É bem sabido que uma das cousas que caracterisam e distinguem melhor os tempos que chamam illustrados dos obscuros, são os monumentos publicos, porque elles são os que mais ennobrecem as cidades e desafiam a curiosidade dos estrangeiros.—Foi elrei D. José quem mandou dar começo á reedificação em 1767.

A capella-mór, apesar da sua demasiada simplicidade, na ultima construcção, é espaçosa e clara, e não destituida de certa elegancia respectivamente ao corpo da igreja; estão bem conservados os seus ornatos, estuques e pinturas a fresco. O painel do retabulo representa a Assumpção da Santa Virgem, copia do que fizera Pedro Alexandrino de Carvalho; do pincel facil e suave deste artista são todos os que adornam os altares, sobresahindo em merecimento o de S. Vicente e o do Espirito Santo que estão no cruzeiro. O quadro do Salvador do mundo, collocado no fim da igreja junto á escada que vai para o côro de cima, é mui digno da attenção dos entendedores.

O cruzeiro é estreito e não soffre comparação com os dos mosteiros de Belem e de S. Vicente de Fóra: contém oito capellas; as duas que lhe ficam em frente são a do Santissimo Sacramento, e a de S. Vicente, onde se guardam em um cofre os restos mortaes deste martyr, padroeiro de Lisboa e do Algarve: collateral da parte do Evangelho é a de N.^a S.^a de Belancor, vulgò a S.^a a Grande, imagem trazida de um porto de França por Martim Affonso de Sousa no reinado de D. Manuel; da parte da epistola a capella de N.^a Sr.^a da Pombinha; ambas as imagens estão em uns nichos de jaspes ornados de columnas salomonicas, obra custosa, mas falta de elegancia e delicadeza: tanto os altares como seus ornamentos foram mandados fazer por D. João de Mascarenhas, conego nesta sé, e que successivamente foi bispo de Portalegre e da Guarda. A capella que annuncia maior antiguidade é a de Bartholomeu Joannes, cuja effigie está deitada n'um mausoleu, obra grosseira, propria do tempo em que foi feita

Junto ao guardavento está o baptisterio, onde recebeu o baptismo Santo Antonio, tão querido dos portuguezes como venerado em terras estranhas. — É proporcionada a sachristia á grandeza do templo; era de abobada o tecto, mas na calamidade de 1755 desabou, e hoje é de estuque excellentemente pintado. As estatuas que adornam os nichos mostram antiguidade, mas são pouco polidas na factura. A maior parte de seus riquissimos ornamentos queimou-se no fatal incendio do anno supra referido; todavia escaparam á voracidade das chammas os que, todos bordados d'ouro, tinha dado o arcebispo D. Miguel de Castro. O saque dos invasores francezes desappareceu a cathedral da muita prata que possuia em banquetas, tocheiros, alampadas e outros objectos da arte destinados ao serviço do culto.

São nove as capellas do claustro com as invocações de — Santo Aleixo — das Almas — N.^a Sr.^a da Tocha — Santo Ant.^o — Sr. Jesus da Boa Sentença — S. Lourenço — N.^a Sr.^a de Belem: nas paredes desta ha muitos quadros pintados por José Ignacio, sendo o mais notavel o do Nascimento de Jesu-Christo, que é excellente copia de outro de Pedro de Cortona, dois, que estão nos lados, representam a adoração dos reis e a appresentação no templo, e pelo estilo e maneira parecem ser de Antonio Maciel, pintor que floreceu no reinado d'elrei D. Sebastião. A capella chamada da Piedade é celebre porque nella se deve reputar primeiramente fundada a irmandade benefica que se intitula da *Misericordia*. A corporação que teve esta capella começou em 1230, reinando D. Affonso 3.^o, e seus piedosos officios eram enterrar os mortos, visitar e soccorrer os enfermos e encarcerados e acompanhar os miseraveis que no patibulo iam expiar suas culpas. Por muito

tempo permaneceu esta irmandade até o reinado de D. João 2.^o, em que Fr. Miguel de Contreiras, religioso da ordem da Trindade e confessor da rainha D. Leonor, com o auxilio desta Sr.^a e impulsos do seu zêlo levantou em 1498 aquella corporação a mais subido auge para poder estender os seus beneficios, organisando-se estatutos que adequadamente a regessem, conseguindo que em a nova, justamente denominada da *Misericordia*, se alistassem as pessoas de mais elevada jerarchia e os mais abastados cidadãos; foi seu primeiro provedor o mesmo rei D. João 2.^o — Passou a capella a intitular-se dos *Arcebispos*; tinha obras preciosas em mosaico, e causa pena contemplar os estragos que lhe fez o fogo. — A capella da Conceição tambem é digna de memoria, porque sendo consagrada ao mysterio da Conceição, nella em tempos bem antigos se celebrava a festividade que o solemnisa. — As seis capellas que cercam em roda a capella-mór foram instituidas por elrei D. Affonso 4.^o

No claustro se mantinham vivos dois corvos [e ha muito tempo se conserva só um por não tolerar companhia] para memoria da tradição de que se origina o brazão d'armas de Lisboa. Sendo descoberto o corpo do Martyr S. Vicente no promontorio sacro, hoje cabo do mesmo nome do santo, os corvos o respeitaram e lhe fizeram guarda apesar de serem aves que de cadaveres se nutrem; dois delles acompanharam o navio mandado á trasladação da reliquia, que no altar proprio se conserva. Lisboa como todos sabem tem por armas um navio com um corvo á proa e outro á pôppa: — S. Vicente é padroeiro da cidade.

Por não alongar-mos este artigo com as numerosas recordações historicas da cathedral, concluiremos lembrando somente o fim lastimoso do bispo D. Martinho, que no movimento popular contra a viuva de D. Fernando, e a favor do Mestre d'Aviz foi precipitado da torre do norte. Lea-se o quadro dos successos deste tempo a pag. 53 do nosso vol. 1.^o

MANUEL DE SOUSA COUTINHO.

[Romance historico].

1578 a 1632.

II.

A Batalha.

SE ao reino de Portugal raio do sol bemaventurado alumiou a cumiada de um porvir, que se antolhára formoso em tempos felizes de D. João 3.^o; se então lhe recresceram as riquezas, e possanças; se capitães esclarecidos lhe deram nome, e com victorias illustres levaram temores a Africa, e pozeram espanto a Asia, lá veio tempo em que descahiu; lá veio tempo em que se largou em Africa aos mouros Çafim, Arzila, Azamor e Alcacer; lá veio tempo em que esse rei feliz e religioso, que olhava a solemnidade do culto divino como fiel crente e piedoso christão, se olvidou da ventura de seus vassallos! D. João 3.^o, qual outro Numa Pompilio, só curando da mantença dos santos costumes, deixou-se guiar por conselheiros refalsados, e o baixell do estado sulcou mares procellosos, perdido o timão sem um fanal que a porto e salvamento o dirigisse, afundou-se no vasto pego dos odios, das intrigas e do individualismo! E não era isto triste exemplo para D. Sebastião? Seu entendimento claro, sua al-

ma tão rica de bons desejos e sciencia, não via os perigos da arriscada empreza que commetteu! A omnipotencia de Deus parece que collocou na vida do homem barreiras que não é dado ultrapassar; se as boninas da juventude lhe sopram bonanças venturas e sonhos dourados, lá assoma o dia em que sua alma anheila dilatar-se, arremear-se a espaço de maior expansão, e vai tocar mesmo onde lhe é vedado, até que a voz de Deus, rija como o trovão, potente como o raio, lhe brada: — Pára! És homem! Alli estão os limites que te não é dado transpôr!

E assim se passára com D. Sebastião! Rei ditoso e bemquisto, a fronte já coroada com laureis de victoria, que mais poderia cubiçar?.... Nada! A corôa que pousava em seus cabellos louros era demasiado rica; a espada que lhe pendia ao lado polida e de gume que não embotava, mas todos esses incentivos não eram bastantes para alma tão grande! Elle quiz intentar uma façanha que dêsse brado forte, e foi-se a Africa perder a vida, e enterar Portugal e os portuguezes! Com 24 annos cahiu-lhe em terra a flôr da ventura, e em vez della cresceu espinho duro e pungente!....

Ó D. Sebastião, filho de lagrimas, ainda em teu berço teus vassallos já as provavam bem amargas, depois de teu fenecimento nessa fatal batalha d'Alcacer Quibir, sobejas lhes coavam n'alma!

E as ondas sussurrantes do mundo passavam por cima dessa luctuosa pagina, e não lhe apagavam as negras lettras!

Amanhecêra o dia 4 d'Agosto, dia destinado para a batalha entre elrei D. Sebastião e o monarcha Mulei-Maluco, que de repente gravemente enfermára. Tudo se achava prestes de uma e de outra parte; os africanos, sem que isso se apercebesse, tinham já cercadas por todos os lados as hostes dos portuguezes; a maior força da sua gente formava uma meia lua, lançando uma cinta de toda a infantaria diante dos cavallos, com tres mangas de arnezados arcabuzeiros, sahidos do campo da batalha, e adiante vindo vinte e quatro tiros de campo, os quaes logo que presentiram os christãos começaram a abalar-se das pontas para que os podessem em tempo azado cercar. Na frente do exercito portuguez estava a artilheria, que tinha trinta e seis peças, a cuja volta ião os gastadores com o seu capitão Gonçalo Ribeiro Pinto; tres batalhões estavam na vanguarda, dos quaes o do meio era dos aventureiros, que tinha por capitães Alvaro Pires de Tavora e João da Silva, levando de cada lado uma manga de soldados de Tangere, isto é, á mão direita o terço dos tudescos e dos italianos, e á esquerda o dos aventureiros; mais distante ia o terço dos castelhanos. Na retaguarda dos aventureiros ficava o terço de Diogo Lopes de Sequeira; na dos tudescos o de Vasco da Silveira; na dos castelhanos uma praça vaga que Francisco de Tavora e D. Miguel de Noronha haviam de occupar; atraz de Vasco da Silveira se collocára a bagagem, e nas costas desta se haviam lançado outras duas mangas de archeiros; murando finalmente os arcabuzeiros todo o corpo da batalha.

Formoso ponto de vista offereciam as hostes assim formadas nos campos montuosos dessa cidade, que situada nas costas do mar oceano, mettia-se-lhe de permeio o rio Lucus, que corria ao longo dos muros de Alcacer-Quibir. Ambos os exercitos se olhavam em frente um do outro, como o tigre que receia de lutar com o leão.

Elrei confiado da victoria e ensoberbecido por ter ficado vencedor das correrias que lhe haviam feito Saer-ben-hesi e Habraem Sufiam, onde tinham pago com a vida Behuc, Chir-ben-mansor e outros — aguardava já impaciente o momento de cortar pelos descritos e sahir vencedor. Mui presto corria as filas dos seus soldados acompanhado por Manuel de Sousa Coutinho, o mestre do campo D. Duarte de Menezes, o duque d'Aveiro, e dava ordens ao Xarife para que se não effectuassem os seus primeiros designios que eram cercar o exercito de carretas. O traidor Mathias de Kleist conservava-se firme em seu posto na ala direita, junto a D. João de Portugal, e ao duque de Barcellos que punha em ordem a sua gente.

D. Sebastião em seu rosto, onde mal começava a pungir a barba, deixava transluzir o gosto e a esperança que lhe soçobravam a alma de tão rija tempera. Trazia armas azuladas e cavalgava um formoso cavallo acubertado; na mão empunhando a lança, arrimando o conto á terra, ergueu o elmo, chamou os coroneis e os senhores fidalgos, e assim lhes fallou:

— «Ainda que estou confiado na victoria, que hoje espero em Deus haver destes barbaros, assim por nosso esforço o prometter, como o seu medo me certificar, não deixo de cuidar estarem os successos da guerra mui sujeitos a mudanças improvisas, com que muitas vezes de pequenos erros nascem mui grandes desastres: eu não sinto agora outro maior e de que mais me tema, que da multidão de imigos, que com alaridos se querem mostrar ferozes, e causar espanto nesta gente bisonha, para que possam desordenar os soldados velhos tão esforçados como aqui vem, os quaes de semelhantes algazarras se estão rindo. Agora vos rogo neste ponto tenhais muito cuidado em vigiar e conservar boa ordenança nos esquadrões; porque eu com esta gente de cavallo commetterei os barbaros, e espero rompê-los de maneira que vos abra as portas da victoria, e não seja necessario mais que os soldados velhos concluirem-na com seus acostumados esforços, e os bisonhos seguirem-na com o recolhimento de seus despojos. Se eu morrer nesta batalha tende-me por ditoso, pelo premio da alma que meu zêlo merece e a fama que espero deixar em mãos de infieis por honra da Cruz. Uma só cousa podeis sentir de minha morte, que será perderdes um rei amigo, obrigado a vos fazer mercês e honras por o amor com que me seguistes, e alegria com que estais offerecidos a morrer por amor do Redemptor e meu. A Deus peço com os olhos no céu, nesta ultima hora de morrer, vos pague a todos esse zêlo; porque, se eu vencer, todos no premio das mercês sentireis em mim o muito que vos amo; e pois neste estado vos não posso mostrar a vontade com obras, ao menos com estas palavras vo-lo quero significar, porque tenhais por bem empregados os serviços que me fazeis.»

Mal elrei proferiu estas palavras, vendo que o imigo estava á-la-mira, mas que se não determinava a atacar, resolveu dar — Santiago!

Começou o exercito a marchar, e logo descarregou violento fogo sobre as hostes contrarias, que com os preceitos do alcorão arreigados n'alma, e o nome do seu profeta Mafamede nos labios, ficaram quedos aguardando os portuguezes. Então tocou-se á arma e a grita se confundiu com o embater dos golpes, com os tiros de arcabuz e mosquete. Já se não viam senão cabeças e braços erguidos; o san-

gue corria, a peleja, como o leão que brame enraivado, e que no meio de mortes e estragos vomita as iras, se encarnicava de mais em mais, e aos portuguezes bradando *Santiago!* correspondiam os africanos com os gritos de *Allah! Allah!*

Estendido por terra sem uma perna, que lh'a cortára uma balla de chapeletas, jazia exangue Alvaro Pires de Castro, envolto em pó e sangue. Por entre o turbilhão de fumo, que encubria os combatentes refulgia o fogo de artilheria, e o relampejar das centelhas das espadas ao ferirem-se. Cahira ás lançadas o duque de Aveiro, que mesmo depois de lhe cortarem a mão esquerda ainda fazia face ao inimigo; pouco depois Manuel Telles, D. Alvaro de Mello, Christovão de Tavora, o conde de Redondo, Pero de Mesquita, bailio e capitão de artilheria, tinham perdido a vida.

Mulei Maluco expirára, mas Hamet Taba, renegado genovez, e Mulei Hamet tinham occultado esta nova, e animavam os seus soldados que faziam prodigios de bravura. O vil Mathias de Kleist havia infamemente renegado, e batia-se contra os portuguezes!

Durava já havia muito a peleja, cada vez mais mal ferida; o horisonte se vestira de raios de fogo, e apresentava aqui e alli aglomeradas nuvens negras. Manuel de Sousa combatêra sempre a-la-par com elrei, a quem os feitos daquelle dia celebraram tão grande nome; porem na confusão se perdêra o monarcha, e só, com o cavallo crivado de feridas, cheio de pó, sangue e canção, veio encontrar-se com Jorge de Albuquerque Coelho, mas apenas se quiz firmar em pé, não podendo supportar por mais tempo a perda do sangue que soffrêra, cahio sem sentidos. D. Sebastião ia soccorre-lo, quando sentiu gritos; era o Alferes mór, que sustentando o estandarte real bradava:

— «Defendei, senhores, a bandeira d'elrei!»

Com a rapidez do pelouro voou elrei em soccorro daquelle portuguez afflicto.

Gonçalo Ribeiro Pinto, capitão dos gastadores, já havia salvado o estandarte das mãos dos infieis que, augmentando em numero, á força lho queriam arrancar; elle porem tirando-o da hastea o enrolou á roda da cintura, e chegando-se elrei e perguntando-lhe:

— «Trazeis o estandarte?»

— «Ei-lo!» — foi a resposta do bravo lidador.

— «Abraçai-vos com elle, e morramos com elle!»

E os dois partiram a cumprir estas palavras.

Os portuguezes, pouquissimos em numero, não podiam resistir, e os que escapavam á morte tratavam de se salvar. Manuel de Sousa abandonado, não sabendo do seu rei, perdido o xarife, vendo a seu lado sem vida D. Jorge Tello, e André Gonçalves revolvendo-se em dores por uma setta que se lhe pregára n'um olho, divagava pelos campos. Os cadaveres lhe juncavam o caminho, o terreno nadava em sangue, e elle sem ver nem ouvir se entranhava pelas brenhas que iam ter a Fez. Perto d'um riacho, que corria mansamente, elevou os olhos aos céus como para pedir misericordia, cahio de joelhos, e escondendo o rosto nas mãos não pôde conter as lagrimas que em torrentes lhe manavam dos olhos.

O crepusculo da tarde começava a divisar-se, e no horisonte se desenhavam os raios do sol com mais forte colorido. A matança havia cessado, e só os ais e gemidos dos desaventurados feridos quebravam a espaços o silencio dos desertos.

Quando o homem junta ao canção do soffrimento dôres agudas e fortes, a alma succumbe, as faculdades cahem n'um torpor, seu sentir parece entumecido, e quasi em estado de alienação mal sabe o que faz e o que soffre. Manuel de Sousa aniquilado por tão longo batalhar d'alma e de forças jazia immerso nesse lethargo pesado e terrivel, quando ao levantar-se tocou n'um corpo humano nú e cheio de sangue olha para o cadaver examina-o com attenção era o seu monarcha!! (*). Fôra de si abraçou-o mil vezes, examinou-lhe as feridas, eram profundas; tinha cinco na cabeça; apalpou-lhe o coração, não o sentiu bater, e desesperado, vendo o seu rei vazio d'alma, desta sorte se carpiu:

— «Rei e senhor nosso, a quem a modestia nunca permittiu que vos despisseis diante dos vossos servos, agora ahi estais despojado de fatos e atavios. A fortuna invejosa de vossos dons naturaes vos deu a morte; a morte, ó meu rei, que a vossa lembrança faz tão chorosa para os portuguezes, que prantearão este dia doloroso como os profetas Jeremias e David prantearam os filhos de Israel. Oh! meu Deus, se vós soffrestes agros trances no jardim das Oliveiras, onde suastes sangue, se fostes apupado até ao Calvario, e tudo para remir os homens, tambem este, de vossos filhos o mais virtuoso, padeceu cruel morte por querer plantar a vossa sagrada religião entre os barbaros! ... Mas que disse? Seu corpo foi maltratado, é verdade, mas a sua alma voou ao céu, onde os anjos celebram sem duvida a sua vinda, por ser tão pura e cheia de fé e esperança! Meu rei, que é da pompa do vosso solio? Meu rei, que é do esplendor da vossa corôa? Nem uma pedra por loisa, nem um palmo de terra por sepultura! ... E eu, vosso vassallo fiel, não vos posso valer! ... Meu Deus! meu Deus! porque me não aniquilastes o existir!

E as lagrimas de novo começaram a correr-lhe fio a fio, e lançando-se sobre o cadaver de D. Sebastião ficou abraçado a elle largo tempo a soluçar.

De repente o grito de *Allah insor el Sultan* (**) feriu os ares, e este grito soou no coração de Manuel de Sousa com som terrivel e forte como se fôra a voz de um Deus vingador. Enxergavam-se ao longe os turbantes dos mouros, que se vinham encaminhando para estes lugares ermos e povoados de cadaveres. Os alcaides e cacizes e o povo acompanhavam Mulei Hamet que, discorrendo pelos campos, era recebido com geraes aclamações.

Como se poder invisivel houvera tocado Manuel de Sousa, este se ergueu de repente e estendeu longos olhos nessa turba insensata, que mal o avistou accorreu sobre elle para o aprisionar. Não resistiu, e na esperança de que por este meio poderia alcançar a morte, entregou-se resignado nas mãos dos barbaros. Mas sahindo um d'entre a multidão dirigiu-lhe a palavra:

(*) Se D. Sebastião expirou na batalha ou não, é ponto sobremaneira duvidoso. A mór parte dos chronistas portuguezes o dão por morto no caminho de Fez, e as histórias dos mouros igualmente.

(**) Na Chronica de Fr. Bernardo da Cruz encontram-se aqui os gritos de *real! real!* Não é para admirar o verem-se estas incoherencias em nossos escriptores e nos hespanhoes pelo habito que elles tinham de prestar a gregos, romanos e mouros os costumes do seu tempo. A expressão que empregamos, e que obtivemos de pessoa versada na lingua arabe, significa — *Deus ajude o sultão*. Parece-nos ser mais adequada e corresponder melhor ao objecto de que se trata.

— «Manuel de Sousa, disse elle, alli tens o teu rei. Poder, grandeza, e valor, tudo é pó!.....»

Esta voz era-lhe conhecida, voltou a cabeça e reconheceu Mathias de Kleist!

— «Marquez Mathias de Kleist, não te pejas de me fallar?.... o meu rei morreu, mas não renegou infame e vilmente! aquelle sorriso que divisas em seus labios é sanguinolento, porque é o da morte, mas ainda é puro; aquella mão contrahida e cheia de sangue indica que soube brandir uma espada, e se ella pertencesse a um corpo com vida, esmagaria todos quantos foram traidores a Portugal!....»

— «Calla-te!» bradou Mulei Hamet. —

— «Nunca um portuguez emudeceu diante dos descreidos!» redarguiu com altivez Manuel de Sousa.

— «Calla-te, escravo!» tornou a repetir o africano enfurecido.

— «Escravos sois vós, na cõr e no animo, porque tantos em numero tremeis e sois cobardes diante d'um só portuguez!....»

— «É demais!».....»

Foi este o grito que partiu de todos os labios, e logo cem braços armados se ergueram para decepar aquella cabeça tão cheia de pensamentos nobres. O marquez Mathias de Kleist oppoz-se-lhes e clamou com voz forte — suspendei — pôde acalmar aquellas almas caliginosas, cheias de rancor, que só se saciavam com sangue. Manuel de Sousa fitava alternadamente a vista ora em todos esses rostos tismados, onde dois olhos pequenos e vivos brilhavam como os do lobo nas trévas, ora em todas essas bocas entre-abertas sempre prestes a cuspirem uma blasfemia.

Apacificaram-se; e o marquez Mathias de Kleist aproveitando o silencio, travou do braço de Manuel de Sousa, e assim lhe fallou em voz mui baixa:

— «Ainda vos podeis salvar!»

— «Como?»

— «D. João de Portugal é morto!...»

— «D. João de Portugal!»

— «Sim, sua esposa está viuva e.....»

— «Malvado!....»

— «Nem um momento ha a perder; desisti da posse de D. Magdalena de Vilhena, e prometto livrar-vos do captiveiro!»

— «Nunca! nunca!»

— «Meditai bem; ou livre restituído á patria, ou escravo de Mulei Hamet.»

Manuel de Sousa pareceu hesitar, e o marquez Mathias de Kleist, durante esta curta indecisão, olhava-o attento e reprimia até a propria respiração, com receio de que ella trahisse o que nelle se operava e o fizesse mudar de resolução; em fim os labios de Manuel de Sousa descerraram-se, e sahiram estas tremendas e nobres palavras:

— «Já decidi, marquez!»

— «O que?» — disse elle com alegria.

— «Sou escravo de Mulei Hamet!»

P. M.

[Concluir-se-há].

O MUNDO PRIMITIVO:

Sua pretendida antiguidade desmascarada.

O ORGULHO chamado philosophico do 18.^o seculo as-sentava ter abalado e destruido mesmo o credito dos livros santos por meio d'uma pretendida antiguidade do mundo muito mais avançada e remota

do que lhe davam os calculos e tradições biblicas. Pareceu-lhes em sua presumida vaidade que tudo quanto os cercava, a terra e o homem, as pedras e as arvores, e as sciencias mesmo, podiam fornecer-lhes provas de sua aerea utopia. Os sabios do seculo 19.^o melhor instruidos que aquelles, versados nos estudos das linguas e na archeologia orientaes, os geologos, os astrônomos de maior nome tem vindicado com as armas da philosophia, ou da razão pura os credits da Escriptura que inabalaveis eram já para os homens de fé e crença christã.

O famoso Cuvier no seu Discurso sobre as revoluções do Globo, pag. 282, mostrou á face de experiencias repetidas e profundas que a sciencia da geologia é a do christianismo; isto é, que o homem é recente na criação; e que nenhuma das reliquias achadas são anteriores á revolução que poz a terra no seu estado presente; e que esta revolução mesmo é de recente data. A geologia, disse eloquentemente o mesmo auctor, para não ser o chãos precisou fazer-se christã.

Mr. Delambre na sua obra = Historia da Astro-nomia antiga = demonstrou igualmente que esta sciencia é de data moderna, e está d'accordo com a Biblia. O doutor Young com o que tem podido decifrar dos caracteres hyeroglyphicos-egypcios tem confirmado aquella asserção. Mr. Champollion [o môço] que ao principio supposera os monumentos do Egypto muito mais antigos do que a chronologia que lhe assignavam os livros santos, cahiu por ultimo em desengano depois que se examinou e entendeu o planispherio de Denderá, e se pôde decifrar a legenda da celebre pedra de *la Rosette*. Esta pedra foi achada e descuberta por acaso nas excavações ordenadas por Buonaparte em 1799 para levantar uma bateria proxima áquella povoação: foi o engenheiro francez Bouchard que primeiro a viu: contém uma inscripção escripta em tres dialectos parallelos; a saber: grego, hyeroglyphico [figurando symbolos inteiros], e egypcio [caracteres symbolicos abbreviados]. Quando os inglezes se assenhorearam d'Alexandria, achando esta preciosidade, levaram a pedra para Londres, onde o citado Young e outros orientalistas á força de comparações dos tres dialectos, e partindo do conhecido para o desconhecido chegaram a decifrar a inscripção inteira. Mr. de Sacy e o academico Mr. Ameilhou, já antes dos exames em Londres e pela copia e desenho somente remettidos a Paris tinham lido os dois nomes, Ptolomeu e Berenice. Assim que, cahiu por terra o argumento d'uma antiguidade anti-biblica que ao principio havia embalado homens levianos.

Depois da pedra de Rosetta descobriu-se o famoso vaso egypcio com caracteres persas, mas gravados igualmente nas tres differentes fórmulas como naquella. Tambem a sua data foi decifrada por Grotefend que achou ser do tempo da dominação dos persas, e nella encontrou o nome *Xerxes*, rei d'Iraú, que vem a ser o mesmo que o famoso do antigo imperio persa. Depois destes monumentos se vão achando outros cada dia que appresentam igual resultado. De maneira que ainda aqui veio a verificar-se aquella sentença d'um dos maiores genios da historia moderna — que pouca sciencia fazia os homens atheus, mas que muita sciencia os tornava catholicos.

Da origem dos povos.

Entre os litteratos que se tem dedicado com um trabalho e perseverança singular a penetrar através

dos seculos e das revoluções dos imperios até á origem primitiva dos povos devemos particularisar Mr. de Paravay, antigo professor da escola polytechnica em Paris, membro de muitas sociedades litterarias, homem tão estudioso e applicado quanto probo e desinteressado em dar a conhecer ao publico o fructo de seus vastos conhecimentos n'uma materia que por sua aridez, improductiva d'empregos e de fortuna, tem encontrado atégora mui raros amadores. Este estimavel e consciencioso litterato, dissemos, tem juntado já um rico cabedal de conhecimentos nesta materia, dos quaes alguns já viram a luz publica; e está trabalhando e preparando outros que não tardarão a apparecer. Mr. de Paravay pertende haver demonstrado pelo exame e confrontação dos dialectos, dos emblemas, das inscrições monumentaes, e gravuras achadas na China, na Persia, em Babylonia, Egypto e em Bogotá os seguintes corolarios: — 1.º que da Chaldea sahiram em remotos tempos colonias para a China e Japão, e que ahi fizeram estabelecimentos, e imprimiram os mesmos nomes, gostos e usos do seu paiz, que o tempo tem na verdade modificado e alterado, mas que conservam todavia um certo cunho primitivo. — 2.º que destes estabelecimentos passaram outras colonias á America, ou fosse que em tempos remotos pegassem os dois continentes, ou atravessando o estreito de Bering, ou finalmente navegando de ilha em ilha através do mar Pacifico, o que não implica, porque chaldeos, phenicios e japonezes eram navegadores e negociantes; nem o atrazamento da arte, attestado pelos raros conhecimentos historicos que possuímos a tal respeito, exclue a possibilidade de semelhantes navegações (1). — 3.º que os monumentos mui notaveis de Palanqué, no Bogotá, apresentam os mesmos caracteres dos seus primeiros povoadores; a saber: os mesmos idolos e os mesmos homens brancos por seus chefes: de modo que o primeiro rei dos incas seria um da raça branca, loura e com os olhos azues, quer dizer um dos colonisadores vindo de diversissimo clima, ou algum de seus proximos descendentes. Ahi se observam outros muitos typos e caracteres da origem primitiva como são o culto do sol, o mesmo que dos povos orientaes, e o gosto pela inspecção dos astros como os antigos egypcios e chaldeus. Os exames e observações profundas do sabio Humboldt feitas no local mesmo por espaço de annos, d'accordo com a opinião de outros viajantes que tem percorrido as duas Americas, dão em resultado que tudo alli in-

(*) O Sr. Antonio Ribeiro dos Santos, que na sua excellente Memoria — sobre a novidade da navegação portugueza — impressa no Tom. 8.º das de litteratura, tomou mais a peito combater a veracidade pretendida d'algumas explorações e viagens maritimas dos antigos, diz na nota a pag. 346: — Não pretendemos com tudo isto absolutamente asseverar que os antigos em seculos mais remotos, e nos tempos chamados heroicos ou fabulosos não tivessem feito jámais a circumnavegação d'Africa antes dos egypcios e phenicios, que assim mesmo, antigos como eram, foram precedidos d'outras nações antiquissimas, e talvez ainda mais industriosas do que elles: antes é muito de presumir (segundo nos inculca a historia dos progressos do espirito humano e dos conhecimentos sabidos que aquellas idades tiveram, e que parecem suppôr outros muitos anteriores de que não sabemos) que a navegação e as muitas artes da industria do homem subiam a uma mui alta e remontada antiguidade, em que já pôde ser que tivessem havido viagens muito extensas que houvessem costado toda a Africa; mas se as houve, descontinuas e perdidas da memoria dos homens, como o foram outras muitas cousas, ficaram sepultadas no abysmo da escuridão do antigo mundo, como se nunca tivessem existido nelle.

dica antes uma civilisação degenerada e barbarizada, do que a simplicidade e bruteza dos povos da natureza: de modo que os indigenas, as diversissimas tribus de selvagens que ahi acharam em grande numero os primeiros conquistadores, e as que ainda existem independentes no interior das terras são antes as reliquias dispersas e embrutecidas d'uma antiga povoação civilisada do que os restos puros d'uma população e raça novel e primitiva no paiz.

Mr. de Paravay nisto d'accordo com todos os homens sabios e instruidos da epocha, em que felizmente é já muito má moda a vaidade estolida d'affectar uma incredulidade anti-religiosa, tem encontrado nos seus exames e combinações novas provas da harmonica concordancia da chronologia e dos factos biblicos com todos os monumentos recentemente descobertos onde estão consignados os mesmos factos. Um dos seus mais curiosos e apreciaveis descobrimentos foi a explicação dos baixos relevos da lapide chamada de Cezac, de que possuímos um desenho que nos foi offerecido benevolmente pelo mesmo litterato. Nesta dita lapide se representa o triumpho dos antigos reis do Egypto, e ahi entre os tropheus de sua victoria se ostenta um monarcha levado captivo para ornar e realçar a pompa do vencedor, este soberano prisioneiro tem nas feições e no trage o typo da raça hebreia, e o que mais particularmente que tudo o caracteriza é o trazer pendente por cima dos vestidos um symbolo emblematico em forma de cruz. Mr. de Paravay foi o primeiro que fez esta observação, e por este emblema encontrado n'outros debuxos conjectura que a cruz já era anteriormente ao estupendo sacrificio do Golgotha tida em certo uso e significação entre os hebreus, e que com ella designavam a justiça soberana, ou outro predicado reputado connexo com o poder supremo. Munido com estes subsidios concluiu Mr. de Paravay que o monarcha prisioneiro era o infeliz rei d'Israel, Roboão, conduzido a Memphis por um dos Pharaós.

Nós teremos ainda occasião de fallar mais vezes deste estimavel orientalista, e de appresentar a nossos leitores os productos raros, curiosos e novos, de seus incessantes estudos nesta materia. Com o auxilio das linguas orientaes, e do dialecto tartarochim, em que é versadissimo, não ha canto da Asia, por mais remoto, que tenha escapado ás suas investigações; e ahi nesse berço do mundo, nessas paragens n'outros tempos tão cultas, ricas, civilisadas e florescentes, tem descortinado as faiscas intelligentes que vieram civilisar o resto do globo e assegurar o progresso da razão e industria humanas, em quanto que pela vicissitude dos tempos e pelas revoluções dos imperios se foram descahindo e barbarizando os que foram mestres e civilisadores dos outros.

J. C. N. C.

O HOMEM NA SOCIEDADE.

O HOMEM apenas nascido não pôde logo prover ao que ha mister. Assim os pais suprem ás suas necessidades, em quanto o filho não pôde de persi prover-se. — Ainda depois de chegado esse tempo, quer para reproduzir-se, quer para trocar cousas que tenha por cousas de que careça, o homem associa-se. Da associação nascem familias, e de muitas familias nascem as aldeas, as villas, as cidades, os reinos, os imperios e a redondeza habitada.

Mas o homem que, quando só, não sentia limite aos seus desejos, nem estorvos ás suas acções, desde que se associa perde essa liberdade absoluta, e não póde mais fazer o que anoja aos socios. Porém atéqui, se é menos livre, é todavia sempre igual; porque assim como não póde fazer o que anoja a outrem, assim estoutro reciprocamente não póde anojá-lo. E assim são iguaes todos os homens em direitos e obrigações sem differença. E esta é a *igualdade social*.

Depois de formada a sociedade ella carece de organizar regras por que deva reger-se. Eis-ahi a origem das *leis*.

Se o homem fosse uma machina, cujo resultado a impressões, que recebesse, fosse sempre constante e igual, seria bastante fazer as leis; não era necessario força para as executar: mas o homem tem a par da razão, um arbitrio, e muitas paixões; e n'esse caso embora hajam regras e leis, elle as póde desconhecer, e póde mesmo attentar contra a ordem social. É logo necessario que os socios escolham alguém que, feita a lei, vigie e fórce a sua execução. Eis-ahi a necessidade da creação de um *governo*.

Este governo comtudo não póde ter força a não ser composto e depositario de fracções da força de cada um dos individuos. É logo necessario, que cada qual dos socios deposite da sua força pessoal uma parte, nas mãos de alguém para conter o refractario, e fazer observar a lei. E como, largando de si esta fracção, vem a perde-la, é evidente que, cada cidadão é tanto menos livre, ou tanto mais fraco em sua pessoa, quanto maior é a porção de liberdade ou de força que de si alheia para a incorporar no governo. Logo o homem em sociedade não é tão livre como o homem só: porem em compensação goza mais: esta perda de liberdade é o preço dos gozos; e torna-se mais valente na sustentação de seus direitos, porque o governo vem socorre-lo na mingua, e mesmo na ameaça do ataque d'elles.

Como o homem tem necessidades que, não satisfeitas, é impossivel que exista, carece de adquirir com que as satisfaça. O que adquire póde ser-lhe impedido ou roubado pelo mais forte, porque este tambem tem necessidades e caprichos. Logo para guardar o que é seu carece de protecção, carece de associar-se; e ao associar-se é logo a primeira condição que estipula: — que a sociedade se obrigará a respeitar, a defender, e a fazer-lhe gozar tranquillamente, a sua propriedade, a seguridade da sua pessoa, e os seus direitos adquiridos, que tudo isto é a *sua propriedade*.

Eis-aqui portanto o fim de toda a sociedade civil, e assim de toda a nação: — a saber, *proteger o dominio e seguridade de cada um dos cidadãos*.

Entre tanto essa pessoa, ou pessoas, a quem se entregam as porções da força e liberdade de cada um, para fazer executar as leis, são elles mesmos *homens*, isto é, entes que tem paixões, que podem abusar do poder confiado. É logo necessario equilibrar as forças, e empatar o abuso, e a tendencia mesmo para a usurpação.

A resolução d'este problema tem sido confiado ás *theorias dos governos*, isto é, os homens de mais experiencia, estudo e patriotismo começaram de trabalhar por organizar uma sociedade tal, que as reciprocas usurpações dos governadores e dos governados se empatassem, e se mantivesse o equilibrio social, de sorte que o governador podesse exe-

cutar a lei, sem á lei accrescentar cousa alguma da sua vontade pessoal; e os governados não podessem fazer cousa que a lei não consentisse. Destas theorias resultaram diversas combinações, e d'ahi constituições diversas. — *Ferreira Borges. Cathecismo do Cid. Const.*

ANECDOTA PERSIANA.

Cosroes, rei da Persia, tinha um ministro d'estado, que o servira com lealdade e desinteresse. Um dia este ministro pediu-lhe a sua demissão, e *Cosroes* lhe disse: — «Porque queres deixar-me? Eu derramei sobre ti o maná de minha beneficencia; os meus escravos não fazem distincção entre as minhas ordens e as tuas; eu quiz-te junto a meu coração; não queiras agora afastar-te d'elle.» — *Mitrane*s [assim se chamava o ministro] respondeu: — «Ó rei! eu servi-te com zelo, e tu de sobejo me recompensaste; mas a natureza impõe-me deveres mui sagrados; permite-me que eu os cumpra. Tenho um filho, e ninguem senão eu póde ensiná-lo para que te sirva um dia como eu te servi.»

Concedo-te a tua demissão [disse *Cosroes*] porém sob uma condição: — entre os homens de bem, que me fizestes conhecer, não ha nenhum tão digno de cuidar na educação de meu filho como tu; finda pois a tua carreira outorgando a meus vassallos o mais relevante serviço que lhes podes fazer; devante elles um dia o importante beneficio de terem um bom rei: conheço a corrupção da corte, e um principe não deve respirar o ar mefítico que nella circula: leva contigo o meu filho, e longe do bolicio da sociedade instrue-o como ao teu proprio, na senda da innocencia e da virtude. — *Mitrane*s partiu com os dois mancebos, e passados cinco para seis annos voltou para junto de *Cosroes*, o qual teve a maior alegria tornando a ver seu filho, mas não o achando igual em merito ao filho do seu antigo ministro, deu mostras de amargo sentir, e queixou-se a *Mitrane*s. — Ó rei! [disse *Mitrane*s] esmerei-me em educar ambos pelo mesmo modo: meu filho aproveitou melhor do que o teu das lições que a ambos dei; porem meu filho sabia que havia depender dos homens, quando ao teu não pude occultar que havia nascido para um dia os governar.»

Um antigo philosopho dava de conselho a todos, que na pratica das suas acções obrassem como se tivessem casas de vidro no meio da praça publica. Na verdade este philosopho nos parece hoje bem creança; porquanto as nossas casas apesar de serem sufficientemente guarnecidas por fóra e por dentro, não são porventura mais transparentes que o cristal mais diaphano, sendo os nossos menores passos de continuo espreitados pela curiosidade, e alem disso divulgados pelos domesticos, pelos visinhos, e até pelos chamados amigos? Poderemos acaso esperar que uma só das nossas acções se conserve occulta? — Não ha remedio senão proceder bem; nem são precisas casas de vidro; como não bastam trevas espessas para esconder o crime: de vidro é a reputação, é como essa materia tão fragil que o menor toque a despedaça, tão susceptivel de mancha que a menor nodoa a embacia e deslustra.

É UTIL nos passatempos e no jogo ter sempre uma testemunha, ainda que o jogo seja com um irmão.